

## **ENTRE CONTOS E ENCANTOS NUM PLANETA LETRADO: ESTUDO SOBRE UMA FESTA ESCOLAR**

BUGMANN, Sandra Regina Cláudio – FURB – mrsbug@terra.com.br

GT: Sociologia da Educação / n.14

Agência Financiadora: Sem Financiamento

### **INTRODUÇÃO**

Olhando para uma escola em dia de festa o que se vê é alegria, a escola enfeitada, uma agitação diferente dos outros dias. As atividades do cotidiano dão lugar à celebração. O momento de confraternização induz a disposições favoráveis, a um relaxamento das regras institucionais, substituídas pelas normas de socialização imbuídas em promover a sociabilidade.

A partir das reflexões feitas por DaMatta (1984, p. 88), as festas que acontecem na escola podem ser pensadas como rituais que celebram a ordem, pois, conforme o autor, “[...] os rituais da ordem não se esgotam nessas festas grandiosas em que o mundo social é reafirmado e englobado pelo Estado e pela Igreja. Eles também estão presentes em situações muito mais familiares a todos nós, como as festas de formatura [...]”.

As formaturas e outras festas, cerimônias e rituais escolares podem ser considerados, portanto, momentos em que a ordem social, a estrutura que a sustenta e as relações sociais envolvidas estão em evidência, mas de forma dissimulada sob a justificativa de festejar méritos, datas cívicas ou religiosas, por exemplo. As festas exercem uma função social, nem sempre explícita. Acredita-se que se pode aprender muito ao estudar os valores e as crenças envolvidos nesses momentos em que a escola se abre para a comunidade com um intuito aparentemente distante da finalidade pedagógica das ações educativas, nos quais, porém, mobilizam-se as relações sociais vigentes no âmbito escolar. O interesse em saber mais a respeito das festas escolares, suas implicações e relações sociais motivou a realização desta pesquisa.

Nesse estudo foi analisada a Festa do Livro, evento da Escola Barão do Rio Branco, uma escola comunitária de Blumenau, SC, ligada à Rede Sinodal de Educação e à Comunidade Luterana, de regime particular. O intuito da festa é comemorar a alfabetização das crianças da Primeira Série do Ensino Fundamental e acontece todos os anos no terceiro bimestre, desde 1953 quando a escola foi fundada. Pode ser considerada peculiar, pois não

se trata de uma formatura tampouco uma festa de final de ano. Na cidade de Blumenau, até 2005 só acontecia nessa escola. Muito embora existam festas também denominadas Festa do Livro em várias escolas distribuídas em outros estados brasileiros.

O objetivo desta pesquisa foi investigar qual a função exercida pela Festa do Livro, tanto na instituição quanto no processo educativo dos alunos e nas relações entre a família e a escola. Trata-se de um estudo voltado para o entendimento sobre como e por que acontece, e o que está envolvido em um rito escolar, sob uma perspectiva sociológica.

As reflexões e análises desta investigação partiram da observação das Festas do Livro de 2005 e 2006 da Escola Barão do Rio Branco. Constam do material empírico, entrevistas com professoras das primeiras séries cujas turmas participaram das festas observadas, com a Coordenadora da Primeira à Terceira Série do Ensino Fundamental e com os pais. Foram analisados, também, desenhos e textos das crianças. A pesquisa documental contou com a análise de artigos de um jornal da escola, *Barão em Notícia*, de textos relacionados às Festas do Livro de diversos anos, tais como programas, discursos, poesias e letras de músicas; bem como fotografias da festa de 2005 e de outros anos, e outros.

## **ESTUDANDO UMA FESTA ESCOLAR**

Ao estudar um acontecimento como a Festa do Livro, buscando perceber a dinâmica das relações sociais que acontecem, está-se olhando a intersecção de uma rede complexa, de uma instituição, de um grupo social, de uma sociedade. Também se procura observar as implicações dessas relações para a vida dos agentes envolvidos. Nesse caso, segundo McLaren (1992, p. 37), “estamos lidando com processos simbólicos que não se separam em categorias teóricas nítidas, mas que se sobrepõem e tingem umas às outras com nuances de significado”.

O conceito de rito de passagem, de Arnold Van Gennep (1978) fornece subsídios para estudar, selecionar, classificar e compreender os elementos da linguagem simbólica presentes na cerimônia e em sua preparação. A peculiaridade do estudo de Van Gennep (1978) está na forma como ele percebia a sociedade: uma casa dividida em quartos e com corredores onde acontecem deslocamentos, sendo que os ritos marcariam as etapas desses

movimentos de passagem. Van Gennep (1978) constatou que os ritos consistiam de uma seqüência definida de três etapas: separação, liminaridade ou margem, e agregação, sendo que, em geral, a mais valorizada é a liminar, o momento da passagem. O indivíduo prepara-se para sair do estado em que se encontra: solteiro, jovem, aprendiz (preparação), passa por determinadas provas ou procedimentos (liminaridade) e depois se integra a uma nova posição: casado, adulto ou profissional (agregação).

A partir da observação realizada nas festas de 2005 e 2006, percebe-se uma série de indícios que determinam o caráter de ritual de passagem dado à Festa do Livro. Verifica-se que tanto nas entrevistas quanto nos jornais ou no site da escola que os agentes reconhecem a festa como um rito de passagem.

*“[...] é um marco do ler, do escrever e para a criança isso é importante [...]”.*  
(Professora 3)

Os pais também percebem a festa como a comemoração de uma passagem que consideram importante para a vida das crianças:

*“Eu acho que é tipo um símbolo, uma comemoração da criança se alfabetizar, uma etapa importante para a criança. Abre um universo grande de conhecimento. **Uma nova fase de vida do ser**”.* (pai II-13-meu grifo)

O rito de passagem é o que os agentes envolvidos reconhecem como objetivo da festa, ao qual também o discurso oficial se refere. Como se evidencia em um texto do jornal da escola, a Festa do Livro é antes de tudo a comemoração de um momento em que as crianças fazem a transição, entrando no mundo dos que sabem ler, passando a pertencer a uma outra categoria.

No dia 26 de setembro do corrente ano, realizou-se a Festa do Livro. Foi quando os alunos das 1<sup>as</sup> séries e suas respectivas professoras receberam seus familiares, visitantes e a D. Ilse para mostrar que venceram uma etapa importantíssima em sua vida escolar: estão alfabetizados.  
Nossas regentes de 1<sup>a</sup> série, em sete meses, conseguiram, num trabalho eficiente, paciente e com inestimável apoio das famílias, **introduzir as crianças a um novo mundo: o das letras, do saber, da cultura.** (JORNAL BARÃO EM NOTÍCIA, 1990, p. 15 – meu grifo)

A idéia de que a partir do momento em que estão alfabetizadas, as crianças têm acesso a um outro mundo, seja o das letras ou letrado, permanece até hoje, como é possível ver na notícia sobre a festa de 2005 no *site* da escola. “A festa teve como tema principal “Os cuidados que devemos ter com o nosso planeta” e seu objetivo foi comemorar o

**ingresso das crianças ao mundo letrado** através da alfabetização” (ESCOLA BARÃO DO RIO BRANCO, 2005).

Tanto o jornal da escola quanto o *site* são documentos, o discurso oficializado que representa o conjunto de valores e princípios pelos quais a instituição se orienta e nos quais se estrutura. Assim, o sentido de rito de passagem fica explícito, dispensando qualquer outra justificativa, e toda a simbologia contribui para naturalizar os arbitrários, principalmente aqueles que se apóiam nas analogias com a natureza como “a primavera e o desabrochar da criança”, em um movimento de auto-reforço.

Essa relação com os ciclos da natureza está presente em praticamente todas as festas e em todos os documentos sobre as festas

Agora completamente alfabetizados, apresentaram uma série de números musicais e poesias que alegraram os pais, professores e amigos. Muitas flores enfeitavam todo o ambiente, mostrando a primavera chegando em todo o seu esplendor! (JORNAL BARÃO EM NOTÍCIA, 1980, p.7).

A Festa do Livro é, portanto, reconhecida pelos envolvidos e oficialmente apresentada como um rito de passagem. Além disso, foram identificados elementos simbólicos dando suporte a essa concepção, destacando-se a liminaridade e o lugar de destaque, entre outros.

A **liminaridade** é a etapa mais valorizada de um rito de passagem e é muitas vezes marcada pela passagem por um portal simbólico. Na Festa do Livro, percebe-se a existência de uma passagem que é comemorada. A criança que não sabe ler, após o aprendizado, a alfabetização, passa a fazer parte do mundo dos que sabem ler. Ela adquiriu o domínio do código lingüístico e assume outra identidade social. Muito embora a criança já esteja imersa no dito mundo letrado desde cedo, esse conhecimento sobre o código lingüístico e, sobretudo, o desenvolvimento das condições para adquirir o gosto pela leitura e a capacidade para escrever e produzir textos torna diferente o modo de se relacionar com a cultura escrita.

As crianças entram no auditório depois de todos os convidados estarem acomodados, marcando simbolicamente a passagem. Essa passagem por um portal evidencia a transição, a saída de um ambiente e a entrada em outro. Nas festas de 2005 e 2006 haviam portais enfeitados. Em 2005, logo na entrada, em um painel enfeitado com balões, borboletas, letras coloridas e bonecos desenhados e recortados havia a saudação:

“Bem-vindos ao Planeta Letrado”. Balões, letras e lápis coloridos faziam parte da decoração da porta de entrada nas festas de 2006. O cuidado em demarcar a entrada com uma decoração especial parece significativo. Existe um portal a ser transposto.

Os lugares têm significado nos rituais. McLaren (1992, p. 180) observou que os rituais têm a propriedade de “santificar e legitimar certas configurações de tempo e espaço, assim como certas relações de poder [...]”. A Festa do Livro, na escola estudada, não acontece em qualquer lugar, em qualquer sala de aula, sempre são diferenciados, não são os lugares da rotina.

Tanto na festa de 2005, como nas de 2006, as crianças tinham seu lugar de honra reservado nas primeiras filas e sempre existiu o **lugar de destaque**, além da situação de subir ao palco e apresentar-se, como reforço de uma distinção.

Os desenhos das crianças mostraram a evidência que o palco proporciona. O palco é o que mais aparece nos desenhos das crianças. As professoras confirmam que todas as crianças de alguma forma, sobem ao palco, indicando que estar no palco configura a consagração e a distinção requeridas para marcar o rito de passagem. Em suas entrevistas as professoras declaram que todas as crianças participam igualmente da Festa do Livro, mesmo aquelas que não tenham conseguido aprender a ler até setembro, quando acontece a festa.

*“Ela [a criança que não aprendeu a ler até o dia da festa] participa do mesmo jeito. Não tem discriminação nenhuma em relação a isso”.* (Professora 3)

No entanto, percebe-se que, apesar de todas as crianças em algum momento subirem ao palco, algumas se destacam das outras. A participação não é igual. As professoras explicam que a seleção das crianças é baseada em critérios relacionados principalmente à habilidade e desenvoltura.

Ainda que as professoras não escolham por critérios distintivos relacionados ao capital econômico, ou ao capital social (por exemplo, o sobrenome), ao selecionar as crianças mais desinibidas, mais desenvoltas, estão escolhendo aquelas que possuem determinadas habilidades. São disposições que esses alunos já trazem de casa, de um trabalho de inculcação de habilidades, disposições e posturas, um capital cultural incorporado que se revela e acaba por fazer sobressair a criança possuidora dessas

características que a distinguem, que se destaca por ser “tão esperta”, por sentir-se tão “à vontade em um palco” ou por “decorar com facilidade”.

Para Bourdieu (1999, p. 45) essas disposições e habilidades de algumas crianças não são fortuitas “elas herdam também saberes [...] gostos e um “bom gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais freqüentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom”. Assim, ao escolher a criança que canta ou fala bem, a escola classifica escolarmente e rentabiliza o capital que o aluno já possui (PEREIRA, 2005).

A escola distribui desigualmente o capital simbólico entre as classes e os grupos sociais porque a distribuição escolar do capital cultural depende tendencialmente do capital simbólico incorporado pelos agentes antes da escolarização e a incorporação prévia é função da posição ocupada pelos agentes na topografia social. (PEREIRA, 2005, p. 43).

Observa-se o quanto essa escolha coloca alguns em evidência, e, portanto, não é possível falar que todos participam igualmente, apesar da intenção expressa pelas professoras.

Para Bourdieu e Passeron (1975, p. 97), o sistema de valores e o capital cultural das famílias definem as posições das diferentes classes em relação ao sistema escolar de classificação; no caso, tais requisitos definem as posições dos agentes na distribuição dos papéis. Esses fatores têm ação contínua sobre as condutas e atitudes, exercendo um efeito de causalidade estrutural, isto é, essa forma de escolha parece óbvia e lógica para os agentes.

## **ORDEM E CONTROLE**

A vida em sociedade é mediada pelas Instituições Sociais. A escola é uma instituição social com finalidade educativa, pois prepara os indivíduos para as muitas instituições das quais farão parte durante a vida. As Instituições fornecem às pessoas um conjunto de crenças, pensamentos e noções, um sistema simbólico pelo qual se compreende o mundo e a vida é significada.

A Festa do Livro é um ritual que acontece em uma instituição social e por isso é perpassada pela rede dinâmica das interações sociais que acontecem na escola. Tanto McLaren (1992) quanto Bernstein (DOMINGOS *et al*, 1985) consideram que os vários

rituais escolares exercem funções na escola relacionadas com a manutenção da ordem social, da identidade institucional, de seus poderes de legitimação e de coesão como grupo social. Sua ação acontece nos mecanismos de controle social, principalmente sobre o sistema simbólico com efeitos em sua estrutura de instituição social. No entanto, a ação desses mecanismos não é percebida como tal, transparece, porém, nos discursos, no enfoque dos elementos simbólicos e nas disposições festejadas.

Bernstein relaciona a importância dos rituais escolares para a manutenção da ordem social.

A função simbólica do ritual relaciona cada indivíduo com a ordem social do grupo, por intermédio de actos ritualizados; faz crescer nele o respeito por essa ordem, torna-a viva dentro de si. Deste modo, aprofunda no indivíduo a aceitação das regras que o grupo utiliza para manter seus limites, a sua ordem interna e a sua continuidade, bem como a aceitação das regras que controlam a ambivalência e em relação à ordem social. (DOMINGOS et al, 1985, p. 126).

Segundo Domingos *et al* (1985, p. 117), Bernstein afirmava que,

Qualquer escola é um corpo social delimitado, onde existe uma ordem social e que, através de uma ritualização mais ou menos profunda, garante a manutenção dessa ordem, assegurando assim, a sua continuidade como agrupamento distinto.

A partir dos conceitos de Bernstein e McLaren, buscou-se analisar a Festa do Livro para compreender a relação entre a instituição escolar, os rituais escolares e a ordem e o controle social.

A Festa do Livro de 2005 apresentou um momento em que tal função ficou explícita. Após o discurso do diretor, o Pastor Escolar, consultor e responsável por aconselhamentos na escola, iniciou a sua exposição, dividindo-a em duas partes: Primeiro, ele discorreu sobre a evolução da escrita, desde o tempo das cavernas, fazendo uma relação com o desenvolvimento das crianças e o aprendizado da leitura e da escrita, utilizando para isto um projetor multimídia com imagens. A partir de um determinado momento, o Pastor se dirige aos pais dando um passo à frente e postando-se além das primeiras fileiras onde estavam as crianças. Muda o tom, já não é uma conversa e sim uma recomendação. O teor do discurso modifica-se e ele passa a falar sobre a importância da leitura, e, principalmente, dos valores que estão em jogo no processo educativo e da responsabilidade dos pais em apoiar a escola na transmissão desses valores. Eis o discurso feito a partir daí.

*“E essa mensagem, eu queria deixar a todos os pais: a importância da leitura. Ela não é apenas para que a gente leia coisas interessantes, mas é para que a gente fixe também valores na vida. **Valores que nos trazem uma ética, um compromisso, uma responsabilidade.** A escola ao ensinar a ler e repassar aos alunos livros tem um desejo de que isto marque a vida deles nos dias de hoje para que nos dias de amanhã eles saibam discernir entre o bem e o mal, entre a honestidade e a desonestidade, entre a integridade e aquilo que nós tanto ouvimos em nosso meio político. Vai depender do exemplo de vocês”.*  
(Discurso do Pastor - meu grifo)

Ele afirma que essa é a mensagem para os pais. A questão não é apenas o aprender a ler. Ensinar a ler e escrever é uma forma de transmissão de valores e controle social, pois se trata de um tipo específico de leitura marcada por determinantes sociais, é um tipo de saber que já vem repleto de sentidos subjacentes, já faz parte de um sistema simbólico. O discurso vai além, diz que a escola e os pais devem preocupar-se com valores, para discernir e saber escolher. Saber escolher implica, portanto, um conjunto de classificações próprias de uma cultura, uma sociedade, um grupo, uma instituição.

Esse discurso condensa as várias funções da festa relacionadas com a ordem social. Ele evidencia que a festa é um momento de reavivamento dos sentidos, dos valores que estruturam a instituição e o grupo social ao qual escola, alunos e pais pertencem. Segundo McLaren (1992, p. 81) um discurso é uma configuração cultural e estabelece uma política de significantes. Um discurso determina e anuncia a visão de mundo e os valores da instituição principalmente quando proferido pela autoridade reconhecida e legitimada, o representante oficial da escola na festa.

A Festa do Livro, caracteriza-se também por ser um momento de interiorização da ordem social que acontece no âmbito da escola e reforça a coesão do grupo social na instituição, fortalecendo a integração entre a família e a escola.

A ordem social, porém, não é algo maior, exterior no comando de tudo. Ela é o que mantém o sentido e é tão construída individualmente por seus participantes quanto constrói cada um deles. Cada agente contribui para a sustentação da ordem social assim como ela sustenta cada um. A ordem social constitui-se na organização do entendimento, do conhecimento que cada um tem do mundo; por seu intermédio a pessoa se situa no grupo social do qual faz parte e que é por ela estruturado. Entende-se, portanto, que o sistema

simbólico, a partir do qual os sentidos e significados pelos quais os agentes entendem e conhecem o mundo é construído e estruturado por essa ordem, para a manutenção da qual é mobilizado em rituais como a festa.

Pergunta-se, então, de que forma a Festa como ritual contribui para a manutenção dessa ordem. Domingos et al (1985, p. 143) explicam que Bernstein percebeu ser o controle social a forma pela qual os rituais exerciam sua função. Para McLaren (1992, p. 47), os rituais são “mecanismo de articulação de controle social”.

O controle social constitui-se em mecanismos para manutenção da ordem social, entre eles a disciplina, a coerção, o sistema simbólico, os esquemas de pensamento e de julgamento, o controle dos arbitrários e classificações.

O ritual escolar é um processo de significação social para a inculcação de valores e a ação do controle social. Para McLaren (1992, p. 75), o controle social acontece principalmente sobre o sistema simbólico, influenciando esquemas de pensamento, pois

Os rituais constituem, em larga escala, as principais redes semânticas, contextos culturais e domínios ideativos, através dos quais são feitas tentativas de regulação da vida social [...].

Para Bernstein (1996, p. 222), existe um controle simbólico que exerce uma ação sobre os modos de transmissão de um sistema simbólico, do qual a linguagem e o ritual fazem parte, ou seja, “[...] o controle simbólico [...] se realiza em arranjos especiais, ordenamentos temporais, enquadramentos rituais, bem como em discursos especializados”.

Segundo Bourdieu (2005, p. 14), “Os sistemas simbólicos devem a sua força ao fato de as relações de força que neles se exprimem só se manifestam neles em forma irreconhecível de relações de sentido”. Assim, aquilo que foi escolhido, temas, músicas, tipos de atividades, quem falou o que, o lugar de cada um e até a ordem em que os números foram apresentados tem um significado, determina um sentido, reforça os esquemas de pensamento que estruturam a instituição, revela a ação do controle social.

A Festa do Livro como um ritual escolar exerce funções na escola em sua estrutura de instituição social. As funções identificadas estão relacionadas com a manutenção da ordem social, da identidade institucional e de seus poderes como instância legitimadora e da coesão como grupo social.

## **MUDANÇA E PERMANÊNCIA**

O fato de ser um evento que acontece todos os anos, desde a fundação da escola, levou ao estudo do conceito de tradição inventada, desenvolvido por Hobsbawn (1997, p.9), autor significativamente referenciado em trabalhos que tratam de festas e rituais,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com relação ao passado.

O sentido do termo “inventada” está relacionado com o fato de que em determinadas situações, um grupo ou instituição desenvolve tradições em busca de identificação, segurança e legitimidade. As tradições inventadas estão relacionadas com um movimento de manutenção e mudança, em busca da permanência. elas são “inventadas” e permanecem por terem funções sociais e garantirem a manutenção de valores e sentidos das instituições e grupos sociais.

Segundo McLaren (1992, p. 78), “embora tenhamos desejo de permanência, a vida social é sempre mutável. O mesmo se aplica aos sistemas rituais”. Os ritos são abordados e valorizados por duas características aparentemente contraditórias e opostas: mudança e manutenção. Mudança no sentido de processo, de passagem de uma forma para outra. Manutenção pela função de manter e salvaguardar determinada ordem pela transmissão de valores para que uma forma de saber, de ser e estar no mundo de um grupo social permaneça. Percebe-se esse movimento de mudança e permanência na Festa do Livro no decorrer dos anos. A coordenadora comenta as mudanças relacionadas ao cerimonial da festa.

*“[...] Nós tínhamos que entrar marchando, eles tinham que ficar de pé como soldadinhos, tinham que ficar quietinhos, silenciosos [...] Depois [...] as festas foram mudando um pouquinho [...] mudou a coordenação [...], ali começou, a festa, a ser um momento mais espontâneo. [...], de comemoração. [...] Antes [...] eles apresentavam para os pais na festa. [...] Agora a festa é deles A comemoração é deles, eles estão comemorando essa passagem, de não saber ler para ler”. (Coordenadora)*

Mudanças aconteceram em relação ao processo de alfabetização, influenciando momentos da festa, e essas mudanças, segundo as entrevistas, são consideradas boas pelas

professoras. As professoras e a coordenadora também percebem as mudanças com relação à formatação da festa e descrevem como algo bom, algo que contribuiu para a melhoria da festa.

*“[...] antes [...] ensaiar com as crianças [...] era uma coisa muito maçante. [...] Agora está bem mais acessível às crianças. [...] As crianças estão bem mais soltas. A nossa festa também é bem mais solta. Já não tem uma cobrança assim, e fica mais bonita”.*  
(Professora 3)

As professoras e a coordenadora entendem que as modificações estão relacionadas a mudanças ocorridas na administração e na coordenação e essas últimas parecem estar vinculadas às transformações na comunidade e nas famílias ligadas a essa escola. As principais críticas parecem dirigir-se à disciplina rígida e à austeridade. Há, porém, que se perguntar se as mudanças são consideradas boas, porque esse julgamento parte daqueles que realizaram a mudança. Provavelmente aquilo que é criticado nos dias atuais fazia sentido e era valorizado em seu contexto apropriado.

No entanto, apesar das diferenças, tanto D. Ilse<sup>1</sup> quanto a coordenadora utilizaram muitas vezes palavras semelhantes e as mesmas metáforas para falar da Festa do livro.

*“Perguntei para D. Ilse como havia surgido a idéia de fazer a festa do livro. Ela sorriu, levantando os olhos, e acenando com a mão como se fosse óbvio, respondeu: estava tudo ali, as crianças aprendendo a ler e o desabrochar das flores, a primavera, as árvores. Era tudo muito significativo. A festa tinha muito a ver com a primavera, com os começos... Assim como o livro é uma promessa de começo”.* (Diário de campo)

*“Como se vocês fossem uma flor fechadinha e desde que vocês nasceram começassem a abrir assim. E hoje vocês estão desabrochados, bem aqui no centro, bem aqui no meio e já sabendo ler”.* (Diário de Campo: Discurso da Coordenadora, festa 2005)

São mais do que palavras semelhantes, essa aparente coincidência revela de certa forma que apesar das mudanças percebidas, determinadas idéias permanecem despercebidas e naturalizadas. Os ecos do discurso da D. Ilse naquilo que é dito pela

---

<sup>1</sup> A primeira diretora da escola e idealizadora da Festa do Livro da Escola Barão do Rio Branco.

coordenadora fazem pensar na contribuição de um rito, como a Festa do Livro, que se tornando uma tradição confere adesões a determinadas idéias e crenças, conformando, assim, uma identidade ao grupo.

Parece que a Festa do Livro, como rito, tem a plasticidade para permitir mudanças na forma, no modo e até em alguns elementos, adaptando-se às modificações exigidas pela vida social. A festa, porém, possui mecanismos de transmissão de valores, modos de pensar e crenças para a manutenção do sentido e da identidade de grupo da instituição. As mudanças, de certa forma, contribuem para que determinados valores permaneçam, mesmo que os agentes não percebam isso.

Essa aparente coincidência revela de certa forma que apesar das mudanças percebidas, determinadas idéias permanecem despercebidas e naturalizadas. O que muda, naquilo que permanece? O formato da festa mudou, mas alguns valores permanecem. As mudanças contribuem para que determinados valores permaneçam.

As considerações a respeito da inserção da Festa do Livro na dinâmica das relações que acontecem na escola como instituição social, que não se restringem ao ambiente escolar, mas fazem parte de um contexto mais amplo como o grupo social em determinado tempo, devem levar em conta, ainda, os agentes que dela participam. A festa demonstra exercer mais de uma função, os estudos sugerem ser uma composição articulada de funções exigindo a análise do significado da festa para as crianças, o foco da atenção no dia da festa e para as famílias.

## **RITO DE INSTITUIÇÃO**

A Festa do Livro possui funções sociais ligadas à instituição escolar e também é reconhecida pelos agentes como um marco simbólico de uma passagem. No entanto, ao estudar a festa como rito de passagem surgiu uma questão:

Como a Festa do livro pode ser um Rito de Passagem se todas as crianças das primeiras séries participam da Festa, mesmo aquelas que ainda não sabem ler?

Bourdieu (1996, p. 97) questionou o conceito de rito de passagem, propondo uma ampliação; para ele, os ritos de passagem considerados em sua função social deveriam ser denominados ritos de instituição, valorizando seu efeito essencial

[...] de separar aqueles que já passaram por ele daqueles que ainda não o fizeram e, assim, instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados. Eis porque em lugar da expressão ritos de passagem talvez fosse mais apropriado dizer ritos de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição.

Esses rituais ou atos de instituição são assim denominados por serem momentos em que uma identidade social é instituída, tornando aquele que passou pelo rito membro de um grupo, de uma classe, ou seja, distinto daqueles que não passaram. “Torne-se o que você é, eis a fórmula que subentende a magia performativa de todos os atos de instituição” (BOURDIEU, 1996, p. 102). Isso não acontece, porém, sem conseqüências. Ao ser instituído, são exigidas determinadas disposições e características relativas à posição assumida pelo agente.

Todos os destinos sociais, positivos ou negativos, consagração ou estigma, são igualmente *fatais* – quero dizer mortais – porque encerram aqueles assim distinguidos nos limites que lhes são atribuídos, impondo-lhes o reconhecimento de tais limites. (BOURDIEU, 1996, p. 102 – grifo do autor).

As crianças que participam da Festa do Livro estão recebendo um tipo de marca que lhes confere a identidade de letrados, uma distinção à qual correspondem disposições, crenças, sistemas classificatórios e simbólicos e esquemas de pensamento, que as tornarão capazes de usufruir a herança cultural e simbólica de seus pais.

A escola institui aquelas crianças como leitoras. Esse ato vai além de reconhecer uma habilidade adquirida, o que acontece é a consagração desses alunos para um destino social, garantindo, nesse caso, a incorporação de disposições que lhes permitam o acesso a determinados bens culturais. O estudante passa a ser reconhecido como alguém que faz parte do mundo dos que sabem ler, um grupo social que compartilha determinados princípios, valores e formas de classificação distintos de outros. A essa distinção, porém, corresponde uma série de exigências para que o agente tenha condições de assumir seu lugar no grupo social ao qual foi destinado.

Segundo Bourdieu (1996, p. 104), os ritos de instituição são atos de magia social que logram êxito quando o ato de instituir é garantido por um grupo ou instituição. É necessário que um agente autorizado, como o pastor ou a coordenadora, representantes da escola, realize de forma adequada, com os instrumentos adequados segundo a convenção julgada conveniente pelo grupo, de maneira a se constituir um ritual, reconhecido e válido.

A escola como instituição social tem o poder de legitimar e com isso instituir a diferença. “Vê-se claramente, nesse caso, a magia performática do poder de instituir, poder de fazer ver e de fazer crer, ou, numa só palavra, de fazer reconhecer” (BOURDIEU, 1999, p. 78).

A escola, como instituição autorizada e legítima, à qual é atribuído o poder de instituir, separa esses alunos, ao dizer-lhes quem são e, assim, o que se espera deles. Pereira (2005) menciona que pela escola perpassam ciclos estruturais que mantêm as desigualdades, um ciclo virtuoso de mobilidade social, e um vicioso das exclusões. No caso da Festa do Livro em particular, a escola institui, pela consagração, agentes para o círculo virtuoso do sucesso escolar. Essas crianças, sabendo ler ou não, independente de sua habilidade são consideradas leitoras e assim reconhecidas pela instituição, pela família e pelo grupo social.

A cumplicidade entre família e escola é uma condição para a eficácia desses atos de instituição. Segundo Bourdieu (1999, p. 231):

A instituição do herdeiro e o efeito de destino que ela exerce – até então, atribuições exclusivas da palavra do pai e da mãe [...] competem, hoje, igualmente à Escola, cujos julgamentos e sanções podem não só confirmar os da família, mas também contrariá-los ou opor-se a eles, e contribuem de maneira absolutamente decisiva para a construção da identidade.

As professoras e a Coordenadora confirmaram que é muito difícil acontecer de uma criança não conseguir ler até o final do ano. A escola e a família reúnem esforços para fazer com que isto aconteça. A coordenadora descreve uma série de ações deflagradas, em conjunto com os pais, no caso das crianças que apresentem dificuldades. Esse cuidado revela a questão da eficácia do rito, pois ao instituir as crianças como leitoras, uma série de estratégias será mobilizada para que todos os alunos tenham as qualidades para fazer jus ao título que lhes foi atribuído.

No caso da Festa do Livro, família e escola estão empenhadas em despertar nas crianças o interesse pela leitura, algo que vai além da aquisição da habilidade de decifrar e utilizar um código. Não basta, porém, o aluno estar alfabetizado, é necessário que tenha a disposição de leitor para usufruir da leitura pelo prazer de ler, não apenas pela necessidade de obter informações. As crianças precisam **gostar de ler**.

*“Acho muito importante que isso desenvolve na criança o gosto pela leitura. É um incentivo”.* (Mãe I1- meu grifo)

Nesse contexto, a festa, como um ritual pelo qual valores são transmitidos e disposições são reforçadas, contribui para que se naturalize o gosto pela leitura, ou seja, uma forma de saber usar a herança, o capital cultural no qual os pais investem ao escolher essa escola para seus filhos.

Observa-se como a esse aprender a ler e escrever está vinculada a disposição para aceitar tal exercício como algo bom e importante na redação de um aluno.

*“Quando eu comecei na 1ª série eu adorei ler e eu sempre quis aprender a ler.*

*Quando você pega o jeito de ler é legal. Ler é importante para o cérebro e para a vida. Na 1ª série aprendi a ler e escrever. A minha letra ficou bem mais bonita.*

***Todos nós devemos gostar de ler”.*** (Redação Aluno D 1, do livro feito para os pais - meu grifo)

O texto da criança foi elaborado antes da festa, revelando assim como as idéias e disposições para formação do leitor já permeiam o processo. Gostar de ler é uma disposição imprescindível para que essas crianças tenham acesso a toda uma série de bens culturais e simbólicos a elas destinados, portanto, além de ler, existe o dever de gostar de ler. Parece difícil ignorar a semelhança de alguns argumentos do aluno com os vários discursos, versos e dizeres proferidos durante a festa, sobre a importância da leitura, de aprender para poder ler histórias, a relação da leitura com as letras.

A circularidade dos discursos revela a existência de um trabalho de inculcação pelo qual são incorporadas as noções de valores e disposições constitutivas das identidades sociais. Conforme Bourdieu (1996, p. 103):

O trabalho de inculcação, através do qual, se realiza a imposição duradoura do limite arbitrário visa naturalizar as rupturas decisórias constitutivas de um arbitrário cultural [...]. Esse mesmo trabalho, também tende a inculcar disposições duradouras como gostos de classes, os quais, ao determinarem a “escolha” dos signos exteriores com que se exprime a posição social [...] fazem com que todos os agentes sejam portadores de signos distintivos [...].

Pela inculcação, ou seja, a repetição sistemática de idéias e noções, esquemas de pensamento são interiorizados. Por um trabalho de inculcação realizado tanto pela família quanto pela escola, as crianças passam a se conformar com seu destino e a se preparar para herdar o que lhes é de direito. A conformação ao destino, nesse caso, pode ser entendida como a aceitação naturalizada de um destino social e, portanto das obrigações necessárias para a aquisição de disposições para poder receber e usufruir o legado dos pais.

No caso da Festa do Livro, parece haver uma convergência de interesses, a escola e a família, a partir de um ritual, unem-se em esforços para garantir a essas crianças uma identidade social apropriada para usufruir e rentabilizar os capitais conquistados por seus pais.

A magia performática de um rito de instituição está no fato de que, a partir do momento em que uma identidade social é instituída, haverá esforços para que ela se realize. Por isso, mesmo as crianças que ainda não sabem ler participam da festa. Porque a escola e a família empreenderão esforços para que ela não apenas leia, mas torne-se um leitor, alguém que gosta de ler, apto a assumir a posição que lhe é de direito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Talvez cause surpresa que em uma festa escolar, envolvendo crianças, aconteçam todas essas relações sociais em uma dinâmica de tensões e intenções. Bourdieu (1983) e Berger (1986) observam que o olhar pela perspectiva sociológica pode ser desencantado e perturbador. No entanto, esse olhar revela os mecanismos inevitáveis que regulam a vida em sociedade.

Afinal, qual a função da Festa do Livro? A Festa do Livro se revelou uma sobreposição de funções e mecanismos que vão se desvelando à medida que são estudados seus símbolos, seus sentidos, sua estrutura e o significado que tudo isso tem para os que dela participam.

A festa é um rito de passagem que marca a passagem para o mundo dos que sabem ler. Ela exerce funções na escola como Instituição Social relacionadas com o controle social e a manutenção da ordem social. Ela possui características de tradição inventada e permite manter a coesão, os valores e a identidade do grupo apesar das mudanças. Além disso, a

festa é o momento em que a instituição legítima e autorizada, institui herdeiros e estabelece uma identidade social.

Assim, o que fica depois que a festa acaba? O que fica depois que a festa acaba é a imagem do desenho de um aluno que se desenhou, sobre o palco, com os braços abertos, pronto para abraçar o mundo. Um mundo prestes a desabar sobre a sua cabeça na forma das obrigações, das coerções e da disciplina necessárias para que ele assuma sua posição no mundo social.

## REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, Christina. **Escola Barão do Rio Branco: 50 anos**. Blumenau: HB Editora, 2003. 212p.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 202p.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: Classe, códigos e controle**. Petrópolis: 1996. 307p.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 207p.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996. 188p.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 251p.

\_\_\_\_\_. **O Poder simbólico**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 311p.

\_\_\_\_\_. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975. 238 p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 272 p.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 126p.

DOMINGOS, Ana Maria *et al* **A teoria de Bernstein em sociologia da educação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

ESCOLA BARÃO DO RIO BRANCO. Página da web. Disponível em:

< [http://www.escolabarao.com.br/noticias/037\\_031005\\_festa\\_do\\_livro.html](http://www.escolabarao.com.br/noticias/037_031005_festa_do_livro.html)>

Acesso em: 05 de out. de 2005.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 316p.

JORNAL BARÃO EM NOTÍCIA. Blumenau: Escola Barão do Rio Branco, Ano II. nº 14 – Out. de 1980.

JORNAL BARÃO EM NOTÍCIA. Blumenau: Escola Barão do Rio Branco, Ano IX. nº 66 - Nov/Dez de 1990.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1992. 397p.

PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros. A arte de se ligar às coisas da cultura: escola e lei de retorno do capital simbólico. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.18, n. 60, p.36-50, dez. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301997000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301997000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de maio 2005

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento funerais, estações, etc.. Petrópolis: Vozes, 1978. 184p.